



Bolsonaro e a pandemia covid-19: discurso, imagem e poder

Bolsonaro and the covid-19
pandemic: discourse, image
and power

Deysi Cioccarì

Jornalista com experiência de dez anos em Brasília. Doutora em Ciência Política pela PUC/SP. E-mail: deysicioccarì@gmail.com.

Rodolfo Silva Marques

Docente/Comunicação Social da Universidade da Amazônia (UNAMA) e da Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA). Dr. em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: rodolfo.smarques@gmail.com.

Vanderlei de Castro Ezequiel

Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP; Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero; Pós-graduado em Teorias e Técnicas de Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. E-mail: vander.ce@gmail.com.



Resumo

No início da pandemia de COVID-19, em 2020, no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro, questionou a Organização Mundial da Saúde, não adotou lockdown no país e agiu contrariamente à maioria das nações. Ele politizou o assunto e, em seus discursos, ampliou a polarização política. Os métodos usados são o da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1983, MAINGUENEAU, 2008), buscando-se compreender o ethos (imagem de si) que o presidente adotou nesse período; e a revisão de literatura, com o conceito da teatrocracia (BALANDIER, 1982). Na discussão, o corpus se constituiu de sequências discursivas extraídas de pronunciamentos de Bolsonaro entre março a abril de 2020. Como resultados, identificou-se que o presidente usou um discurso negacionista, criando um ethos de defensor da economia, acirrando debates com desinformação e confrontando gestores públicos com um antiethos de destruição dos empregos.

Palavras-chave: Polarização; ethos; pronunciamentos; discurso negacionista.

Abstract

At the beginning of the COVID-19 pandemic, in 2020, in Brazil, President Jair Bolsonaro, questioned the World Health Organization, did not adopt a lockdown in the country and acted contrary to most nations. He politicized the issue and, in his speeches, widened the political polarization. The methods used are Speeches Analysis (PÊCHEUX, 1983, MAINGUENEAU, 2008), seeking to understand the ethos (self-image) that the president adopted during this period; and the literature review, with the concept of theaterocracy (BALANDIER, 1982). In the discussion, the corpus consisted of discursive sequences extracted from Bolsonaro's pronouncements between March and April 2020. As a result, it was identified that the president used a denialist speech, creating an ethos of defender of the economy, stirring up debates with misinformation and confronting public managers with an anti-ethos of destroying jobs.

Keywords: Polarization; ethos; pronouncements; negationist speech.



1 Introdução

No começo da pandemia do COVID-19, em 2020 no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro, após completar um ano de mandato, questionou a Organização Mundial da Saúde (OMS). Não adotou lockdown no país, agindo de forma contrária à maioria das nações do mundo. Forçou a demissão de dois ministros da saúde em menos de um mês (Luiz Henrique Mandetta, que saiu em abril de 2020; e Nelson Teich, que deixou o governo no mês seguinte), em meio à maior grave crise sanitária do século XXI¹. Em sua postura discursiva, no geral, Bolsonaro ampliou a polarização política e usou recursos de mídia para reforçar antagonismos – reforçando instrumentos de desinformação.

Um dos objetivos da presente discussão é compreender o ethos (imagem de si) que o presidente adotou nesse período através da análise de discurso de Michel Pêcheux (1975, 1983), Dominique Maingueneau (2008), entre outros. Para buscar entendimento do discurso beligerante do presidente, utilizou-se a tese de Georges Balandier (1982): a teatocracia. O corpus foi constituído de sequências discursivas extraídas de pronunciamentos e discursos do presidente Jair Messias Bolsonaro no período de março a abril de 2020, com as premissas da polarização e da desinformação.

Ao se colocar as dimensões teóricas e instrumentais das categorias “mídia”, “polarização política” e da “crise das democracias” em debate, não há apenas o desafio de avançar em um debate contemporâneo, mas também em entender algumas dimensões práticas e os fenômenos sociais.

A democracia (HELD, 1990; DAHL, 2001) vem sofrendo vários tipos de assédios em diferentes espaços do planeta, como na Hungria de Viktor Órban ou nos Estados Unidos de Donald Trump. Entre os instrumentos mais utilizados, estão o uso de um discurso conflituoso para gerar polarização, a desinformação difundida por agentes públicos e o enfraquecimento das instituições democráticas. Donald Trump, republicano eleito em 2016, desde o primeiro dia de seu mandato, em 2017, vem reforçando a polarização política, principalmente a partir das mídias e redes sociais, com um tom agressivo contra opositores e diante de vários veículos de comunicação.

Há um cenário instalado de iminente ameaça às instituições políticas democráticas – e a mídia –, enquanto complexo essencial dentro de um processo democrático, até mesmo como eixo de contestação (DAHL, 2005), tende a se organizar para enfrentar premissas autoritárias e seus efeitos de polarização e de desinformação.

No Brasil, a polarização ficou mais acirrada a partir do pleito eleitoral de 2018, principalmente a partir dos discursos do então candidato Jair Bolsonaro (à época, no PSL² e, em 2022, já filiado ao PL³). Os alinhamentos ideológicos à direita e à esquerda ficaram mais solidificados, em um cenário

¹ Após às duas trocas, o ministério da Saúde ainda teve, no contexto da crise pandêmica, os ministros Eduardo Pazuello (entre maio de 2020 e março de 2021, e Marcelo Queiroga, que acabou sendo o titular da pasta mais longo no governo de Jair Bolsonaro. Informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/15/mandetta-teich-e-pazuello-veja-como-ministros-d-e-bolsonaro-enfrentaram-o-1o-ano-da-pandemia-de-covid.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.

² Partido Social Liberal, partido político brasileiro fundado em 1994. Em 2021, fundiu-se com o Democratas e deu origem ao União Brasil (UB).

³ Partido Liberal, partido político brasileiro fundado em 2006.



praticamente de “guerra”, a partir, também, dos níveis de identificação. De acordo com Borges e Vidigal (2018), identificação partidária é uma tipologia de identidade social, já que as pessoas se organizam e se categorizam a partir das diferenças. Os sentimentos partidários podem emergir de divisões ideológicas, nas elites e nas massas.

Para Borges e Vidigal (2018), aliás, a polarização do eleitorado/massas, converte-se em um fenômeno ligado a identidades partidárias, principalmente a partir de sentimentos negativos, com eleitores de direita acabam rejeitando as agremiações partidárias e ideias de esquerda – com a recíproca sendo verdadeira. Há, nesse sentido, um grande desafio para mensurar essa polarização, que se manifesta de formas distintas (BORGES; VIDIGAL, 2018).

O presidente Jair Bolsonaro elegeu-se, em 2018, sendo um “salvador da pátria”, com um discurso a partir da tríade “Deus, Pátria e Família”. A corrupção exposta pela Operação Lava Jato despertou na população um sentimento de aversão “a tudo o que está aí”. Bolsonaro apareceu com o discurso de que não fazia a “velha política” contaminada, numa alusão equivocada de que não ter historicidade queria dizer, segundo ele, não entrar no velho jogo político. A população aceitou o discurso repleto de alegorias, frases de efeito e Bolsonaro elegeu-se sendo um “espetáculo de si mesmo”.

Oliveira (2019), discutindo alguns impactos efetivos da Operação Lava Jato no processo eleitoral de 2018, destaca que qualquer afirmação a respeito da ascensão de Jair Bolsonaro requer, obrigatoriamente, a análise prévia da influência da Lava Jato sobre a opinião pública. As investigações da força-tarefa teriam sido essenciais nas eleições presidenciais de 2018 e, sem elas, os números finais seriam bem diferentes (OLIVEIRA, 2019).

Bolsonaro politizou a pandemia quando outros países fecharam suas fronteiras a fim de evitar o contágio. Exigiu a reabertura do comércio, alegando, à época, não dispor de dinheiro para sustentar o colapso da economia⁴, gerando um falso trade-off entre a preservação da vida e os direitos coletivos e os procedimentos de sustentação econômica do país.

Em meio à crise, Jair Bolsonaro disse que lockdown era o “caminho para o fracasso”. O presidente proferiu outras frases de impacto: “Está morrendo? Tá. Lamento, lamento, lamento, mas vai morrer muito, mas muito mais, se a economia continuar sendo destruída por essas medidas” (informação verbal)⁵; “Tem que reabrir. Nós vamos morrer de fome. A fome mata” (informação verbal)⁶, acrescentou. Uma das frases de maior impacto foi proferida quando o presidente foi perguntado sobre o fato de o número de mortes no Brasil ter superado o da China, o presidente respondeu: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?” (informação verbal)⁷.

⁴ Embora, no mesmo período, tenha editado medidas provisórias que concediam aumento salarial a policiais militares e civis do Distrito Federal e ao funcionalismo federal.

⁵ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 14 mai.2020.

⁶ Idem

⁷ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 28 abr.2020.



Durante praticamente os dois anos em que a pandemia causou problemas de todas as ordens no país, o presidente seguiu se posicionando contra as medidas de restrição total e defendeu, eventualmente, um isolamento restrito apenas aos grupos de risco da doença.

Diante desse cenário de politização de uma questão de saúde pública, propõe-se, nesse trabalho, uma análise do discurso do presidente, no contexto pandêmico, a partir dos eixos temáticos: da polarização política; da desinformação; e do caráter “estratégico” por parte do Planalto.

O corpus está composto de sequências discursivas extraídas de pronunciamentos do Presidente Jair Bolsonaro, publicados em veículos da grande imprensa no decorrer dos meses de março e abril de 2020.

Este trabalho se serve de instrumental teórico-metodológico da análise de discurso de linha francesa, com Michel Pêcheux (1983; 1997), Dominique Maingueneau (2008) e Patrick Charaudeau (2011), dentre outros. Após essa abordagem introdutória, segue-se a discussão sobre polarização, discursos políticos e sentidos, com a fundamentação teórica dos conceitos de ethos e antiethos, que compõe o instrumental de análise do corpus. Nos itens seguintes, há a apresentação das sequências discursivas dos pronunciamentos do Presidente da República e uma discussão da estratégia discursiva de Bolsonaro frente a pandemia. O trabalho finaliza com o debate sobre o discurso autoritário do presidente e a desinformação, apresentando alguns episódios práticos gerados a partir da Presidência de República, e apontando as convergências entre o discurso beligerante de Bolsonaro e a tese de Balandier (1982): teatrocracia.

2 Polarização, discursos políticos e sentidos

De maneira geral, a Análise de Discurso (doravante AD) propõe várias metodologias e ferramentas para desvelar regularidades e os mecanismos por meio dos quais se produzem e se interpretam a fala (escrita ou oral) em situações de comunicação. Relações hegemônicas não aparentes nas manifestações comunicativas, quando analisadas com o instrumental da AD, são passíveis de se apreender na dimensão discursiva. Como ressalta Orlandi (2010), a AD tem como propósito fundamental a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos e de que forma ele está investido de significância para e por sujeitos. Assim, segundo a autora, os dizeres não são apenas mensagens passíveis de decodificação, mas efeitos de sentidos produzidos em condições determinadas, e que deixa vestígios no modo como se diz,

São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 2010, p. 30).

Entende-se que a constituição dos sentidos e dos sujeitos se dá em processos, onde coexistem os jogos simbólicos – o que não temos o controle – e o equívoco, por meio do trabalho da ideologia e



do inconsciente. Dessa maneira, pode-se afirmar que as visões de mundo se materializam na linguagem em suas diferentes manifestações: a verbal, a visual, a gestual, etc. A maneira de pensar o mundo, numa dada época, subordina-se aos temas e figuras estabelecidos por essas visões de mundo. Assim, a maior parte dos discursos⁸ produzidos numa formação social⁹ concreta repete esses temas e figuras. Com relação à formação discursiva¹⁰, Fiorin (1988, p. 14) afirma que,

[...] temos, então, que considerar a formação ideológica como uma visão de mundo, ou seja, o ponto de vista de uma classe presente numa determinada formação social, e a formação discursiva como o conjunto de temas e figuras que materializam uma dada formação ideológica.

O texto é também um lugar de manipulação consciente, onde o sujeito falante organiza recursos de expressão para veicular, da melhor maneira possível, determinados discursos. No geral, o sujeito reproduz em seus discursos as figuras e os temas presentes nos discursos dominantes de uma dada época, num determinado espaço geográfico. Entende-se, então, que “O enunciador real sempre vocaliza as formações ideológicas existentes na formação social em que vive” (FIORIN, 1988, p 16).

Embora seja depositário de várias formações discursivas presentes numa formação social concreta – dividida em classes sociais distintas – o enunciador, sendo um ser social, geralmente é suporte apenas da formação discursiva dominante, que materializa a formação ideológica¹¹ dominante. O foco de interesse da análise é pela ideologia que enunciador, inscrito no interior do discurso, transmite.

De acordo com Brandão (2004), a análise do discurso, com o caso em discussão, pode ser enquadrada, também, a partir de dois caminhos fundamentais: a visão sobre a exterioridade dos textos – o discurso para o público geral (algo sempre utilizado por Jair Bolsonaro) – e o papel o indivíduo no processo de enunciado – o locutor e sua posição de fala. Assim, o discurso adquire diferentes significados e enquadramentos ideológicos de acordo com o contexto (BRANDÃO, 2004).

Por mais inocente que possa parecer, qualquer enunciado pode ter um sentido político. Assim, tem-se que não é o discurso que é político, “[...] mas a situação de comunicação que assim o torna. Não é o conteúdo que assim o faz, mas é a situação que o politiza.” (CHARAUDEAU, 2011, p. 40).

⁸ Discurso: é o efeito de sentido construído no processo de interlocução – opõe-se à concepção de língua como mera transmissão de informação (BRANDÃO, 2004, p. 106).

⁹ Formação social: caracteriza-se por um estado determinado de relações entre classes que compõem uma comunidade em um determinado momento de sua história. Estas relações estão assentadas em práticas exigidas pelo modo de produção que domina a formação social. A essas relações correspondem posições políticas e ideológicas que mantêm entre si laços de aliança, de antagonismo ou de dominação (BRANDÃO, 2004, p. 107).

¹⁰ Formação discursiva: conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas “regras de formação”. A formação discursiva se define pela sua relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica. A formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito” a partir de um lugar social historicamente determinado. Um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando, com isso, variações de sentido (BRANDÃO, 2004: p. 106-107).

¹¹ Formação ideológica: é constituída por um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas dizem respeito, mais ou menos diretamente, às posições de classe em conflito umas com as outras (Harouche et al). Cada formação ideológica pode compreender várias formações discursivas interligadas (BRANDÃO, 2004, p. 107).



Como ato de comunicação, o discurso político está mais relacionado aos atores que participam da cena política. Verdadeiro campo de batalha em que se trava uma guerra simbólica, a política visa estabelecer relações de dominação ou pactos de convenção. O discurso político objetiva, assim, influenciar as opiniões a fim de obter adesões às propostas que defende, ou rejeições aos projetos adversários.

O discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discurso. Este é constitutivo daquela. A linguagem é o que motiva a ação, a orienta e lhe dá sentido. A política depende da ação e se inscreve constitutivamente nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, é o que permite que se constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elaboram o pensamento e a ação políticos. A ação política e o discurso político estão indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio o estudo político pelo discurso (CHARAUDEAU, 2011, p. 39).

Importante lembrar que o discurso não é o lugar da liberdade e da criação, embora sempre exista a possibilidade de o sujeito constituir discursos críticos – diferentes dos discursos dominantes – , visto que o discurso crítico não surge do nada, antes, já está previsto numa formação social.

3 Ethos, antiethos e a desinformação

O ethos não é totalmente voluntário, sendo que grande parte dele não é consciente. Ele pode, também, não coincidir com a percepção do destinatário, que é livre para construir ou reconstruir o ethos do locutor, inclusive um que este não deseja – o que é frequente na comunicação política. Uma estratégia de construção de imagem de si pode ser exitosa em determinada época, com certo público e em determinadas circunstâncias, mas não atingir nenhum resultado com outro público em outras circunstâncias. Assim, no domínio político, as imagens de si não são facilmente apreendidas, pois tanto podem derivar para efeitos não desejados, quanto contradizerem-se entre si.

Ao pronunciar seu discurso, o orador deve construir uma imagem de si análoga a seu objetivo argumentativo, e levar em consideração a ideia que seu destinatário projeta dele, como afirma Haddad (2005, p. 148), “[...] o ethos prévio ou pré-discursivo condiciona a construção do ethos discursivo e demanda a reelaboração dos estereótipos desfavoráveis que podem diminuir a eficácia do argumento.”. Dessa forma, a construção do ethos do discurso é afetada pela imagem previamente estabelecida, “[...] longe de constituir um elemento exterior ao discurso, cuja análise não deve ser levada em conta, o ethos prévio está, ao contrário, estreitamente ligado ao ethos discursivo” (HADDAD, 2005, p. 163). Essa noção é compartilhada por Amossi (2013), para quem a imagem que o locutor constrói em seu discurso não é totalmente desvinculada da ideia prévia que se faz do locutor. Nesse sentido, Maingueneau (2008, p. 60) entende que, mesmo se o destinatário não souber nada sobre o ethos do locutor, “[...] o simples fato de um texto pertencer a um gênero de discurso ou a certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de ethos”.

A imagem de si construída no discurso constitui a interação verbal, atuando decisivamente na “[...] capacidade de o locutor agir sobre seus alocutários [...]” (AMOSSI, 2013, p. 137). Por outro lado,



para que essas estratégias sejam reconhecidas pelo auditório, sendo consideradas legítimas, “é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isto é, que se indexem em representações partilhadas” (idem, p. 125). Assim, o orador pode trabalhar com expectativa de reconhecimento de seu discurso pelos ouvintes. A noção de estereótipo desempenha um papel importante no estabelecimento do ethos.

A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade, avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica. Se se tratar de uma personalidade conhecida, ele será percebido por meio da imagem pública forjada pelas mídias (AMOSSI, 2013, p. 125-126).

Dependendo do ponto de vista – seja do locutor ou do destinatário – a noção de ethos pode remeter a coisas muito diferentes e, assim, o ethos pretendido pode não corresponder ao ethos produzido. Maingueneau (2008) afirma que,

[...] o ethos de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: ethos pré-discursivo, ethos discursivo (ethos mostrado), mas também de fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (ethos dito) [...] A distinção entre ethos dito e ethos mostrado inscreve-se nos extremos de uma linha contínua, já que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” e o “mostrado”. Ethos efetivo, o que tal ou qual destinatário constrói, resulta da interação dessas diversas instâncias, cujo peso respectivo varia segundo os gêneros de discurso (MAINGUENEAU, 2008, p. 71).

Dessa forma, ao constituir um ethos próprio, o candidato investe direta ou indiretamente na produção do antiethos à figura do adversário. Essa estratégia de realizar a crítica indireta do oponente reforça a valorização do ethos próprio. No entanto, a falha no ritual discursivo pode deslizar, inconscientemente, o antiethos para o próprio sujeito político enunciante, construindo uma imagem negativa do candidato.

4 Comentários presidenciais

Para composição dos recortes – sequências discursivas – utilizados neste texto, orientou-se pela proposta de Orlandi (2010) que postula que essa delimitação não segue critérios empíricos, mas teóricos¹². Assim, o corpus se delimita à prática discursiva de matéria jornalística contendo pronunciamentos e discursos do presidente Jair Bolsonaro, publicados na grande imprensa nos meses de março e abril de 2020.

¹² Sabe-se que a escolha de um objeto a ser analisado, utilizando-se a fundamentação teórica da Análise de Discurso, não pode ser aleatória. Dessa forma, os recortes têm que vir com os objetivos propostos pelo analista. Conforme Orlandi (2010), o objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho inicial do analista. Num primeiro momento de análise, é preciso converter o corpus bruto, empírico em um objeto teórico.



Tabela 1: Sequências discursivas

Item	Sequência discursiva	Data
1	"Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?"	20 de março de 2020
2	"Tem certos governadores que estão tomando medidas extremas. Tem um governo de Estado que só faltou declarar independência do mesmo".	20 de março de 2020
3	"O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos sim voltar à normalidade".	24 de março de 2020
4	"Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércios e o confinamento em massa".	24 de março de 2020
5	"O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Por que fechar escolas?"	24 de março de 2020
6	"O pânico é uma doença e isso foi massificado quase que no mundo todo e no Brasil não foi diferente".	26 de março de 2020
7	"Não estou acreditando nesse número [de mortos em SP]... tem um estado aí que orientou por decreto que, em última análise, se não tiver uma causa concreta do óbito, bota lá coronavírus para colar...". "Se o vírus pegar em mim, não vou sentir quase nada. Fui atleta e levei facada".	30 de março de 2020
8	"Eu não sou coveiro"	20 de abril de 2020
9	"E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre".	28 de abril de 2020
10	"O Supremo decidiu que quem decide essas questões [de combate ao coronavírus] são governadores e prefeitos. Então, cobrem deles. A minha opinião não vale. O que vale são os decretos dos governadores e prefeitos".	29 de abril de 2020

Fonte: Autores, 2020.

5 Análise das sequências discursivas

Nesta seção serão analisadas sequências discursivas (doravante SD) dos pronunciamentos do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro. As SDs (numeradas de 1 a 10) serão confrontadas com as noções discursivas: ethos pré-discursivo, ethos discursivo e antiethos.

O ethos pré-discursivo, mobilizado pelo enunciado, é reconhecido pelos interlocutores, bastando uma assinatura ou a lembrança de um nome para evocar uma representação estereotipada e interferir no jogo especular da troca verbal. Sabe-se que o ethos está diretamente ligado ao ato da enunciação, porém, não se pode ignorar que "[...] o público constrói também representações do ethos do enunciador antes mesmo que ele fale" (Maigneueau, 2008, p. 60).

Dessa forma, os brasileiros (eleitores ou não de Bolsonaro), mesmo antes do início da quarentena – consequência da pandemia em solo brasileiro – conseguiram identificar o discurso dos atuais mandatários, reconhecidos por sua atuação na vida pública ou em campanhas eleitorais anteriores.



Logo no início da pandemia no país, em 20 de março de 2020, Bolsonaro segue seu ethos pré-discursivo e tenta demonstrar potência em relação ao vírus, denominado por ele de “gripezinha” (SD-1) (informação verbal)¹³. Além disso, Bolsonaro faz referência à facada que levou durante a campanha comparando a gravidade do ferimento à “gripezinha” causada pelo vírus.

Ainda no início da pandemia, o presidente já revela sua disposição de negar a ciência e confrontar os governadores e prefeitos que decretaram o isolamento social horizontal¹⁴. Centrando suas acusações inicialmente nos governadores, Bolsonaro acusa-os de tomar “medidas extremas” (informação verbal)¹⁵ (SD-2), iniciando assim um ruidoso conflito entre os entes da federação, além de buscar um antiethos (imagem negativa) de seus adversários políticos e prováveis concorrentes no pleito de 2022.

Não demorou para o presidente estabelecer seu ethos discursivo. Em 24 de março de 2020, Bolsonaro buscou demonstrar otimismo contra o Covid-19, projetando o que ele vislumbrava para o futuro: “brevemente passará”. Continua seu discurso estabelecendo o contraponto ao isolamento social horizontal: “Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado” (informação verbal)¹⁶ (SD-3).

O grande desafio na construção do ethos político é atingir o maior número possível de eleitores (ou seguidores). Deve, portanto, trabalhar com os imaginários mais amplamente partilhados pela população, estabelecendo uma espécie de contrato de reconhecimento implícito. Para Charaudeau (2011), a imagem dos governantes corresponde, supostamente, às expectativas dos governados, “[...] entre estes, existiria uma demanda implícita; entre aqueles, um desejo de aderir a essa demanda ou de fazê-la surgir, uma vez que é implícita” (CHARAUDEAU, 2011, p. 87). Dessa forma, a estratégia discursiva de Bolsonaro na defesa dos empregos é direcionada às camadas mais populares e vulneráveis da população, justamente os que menos tem condições de sobrevivência sem emprego (formal ou informal).

Busca também reafirmar uma imagem de si vinculada aos trabalhadores, reafirmando compromisso com instituições de sua base eleitoral, mostrando-se preocupado com as classes trabalhadoras. O presidente, ainda, expõe seu desejo: “Devemos sim voltar à normalidade” (informação verbal)¹⁷ (SD-3), com isso, o mandatário brasileiro deixa claro sua maior preocupação em relação à pandemia: a economia.

Bolsonaro também tenta construir uma imagem de si, porém, utilizando a estratégia de desconstrução do discurso dos governadores e prefeitos: “Algumas poucas autoridades estaduais e

¹³ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 20 mar.2020.

¹⁴ O isolamento social horizontal é, conceitualmente, uma maneira de distanciamento social com uma restrição mais extensiva de circulação das pessoas – em maior número. Há, também, a paralisação de várias atividades, como o comércio e o fechamento de escalas – e a manutenção de alguns serviços essenciais, como hospitais, farmácias e setores de alimentação e de segurança

¹⁵ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 20 mar.2020.

¹⁶ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 24 mar.2020.

¹⁷ Idem



municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércios e o confinamento em massa” (informação verbal)¹⁸ (SD-4).

Sua fala coloca-o na posição de adversário dos governadores e a prefeitos – e autoridades sanitárias e a própria ciência. Nesta SD, o presidente busca desqualificar a oposição, referindo às “poucas autoridades” que desejam, segundo Bolsonaro, instalar o “conceito de terra arrasada”.

Assim, posiciona-se como administrador preocupado com o bem-estar da população, criticando as impopulares medidas de enfrentamento da pandemia: “a proibição de transportes, o fechamento de comércios”.

No mesmo dia 24 de março de 2020, Bolsonaro amenizou o ataque às medidas de isolamento social, defendendo o isolamento vertical¹⁹: “O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Por que fechar escolas?” (informação verbal)²⁰ (SD-5). Com esse discurso o presidente busca identificar seu interlocutor – no caso a população brasileira – e a maneira como sua palavra será percebida, adaptando a apresentação de si aos esquemas coletivos que ele acredita estar se formando em torno do tema pandemia.

Com isso, o discurso do presidente buscava estabelecer estratégias distintas: confirmar sua imagem, ou reelaborá-la, ou ainda transformá-la, sempre almejando produzir uma impressão adequada a sua estratégia comunicativa. Nessa mesma linha estratégica discursiva, Bolsonaro tentou se contrapor aos mandatários mundiais que decretaram o isolamento social horizontal: “O pânico é uma doença e isso foi massificado quase que no mundo todo e no Brasil não foi diferente” (informação verbal)²¹ (SD-6). Como afirma Maingueneau (2008),

Desde que haja enunciação, alguma coisa da ordem do ethos se encontra liberada: por meio de sua fala, um locutor ativa no intérprete a construção de determinada representação de si mesmo, pondo em risco seu domínio sobre a própria fala; é-lhe necessário, então, tentar controlar, mais ou menos confusamente, o tratamento interpretativo dos signos que ele produz (MAINGUENEAU, 2008, p. 73).

Seguindo seu embate com os governadores, Bolsonaro passa a atacar as informações e estatísticas produzidas pelas secretarias estaduais de saúde: “Não estou acreditando nesse número [de mortos em SP]” (informação verbal)²² (SD-7). Questionando a seriedade e lisura de um dos principais oponentes, o presidente declara: “[...] tem um estado aí que orientou por decreto que, em última análise, se não tiver uma causa concreta do óbito, bota lá coronavírus para colar” (informação verbal)²³ (SD-7). Além de ser uma afirmação passível de questionamento judicial, Bolsonaro ainda

¹⁸ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 24 mar.2020.

¹⁹ Isolamento social vertical indica uma modalidade de distanciamento em que há o impedimento de circulação de pessoas pertencentes aos chamados grupos de risco – pessoas idosas e/ou com comorbidades.

²⁰ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 24 mar.2020.

²¹ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 26 mar.2020.

²² Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 30 mar.2020.

²³ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 30 mar.2020.



coloca em dúvida a seriedade e lisura de profissionais e técnicos que atuam na área da saúde, sugerindo adulteração ou “maquiagem” dos dados epidemiológicos. O linguajar coloquial dessa SD reforça seu ethos de identificação e compromisso com os mais pobres e com a classe trabalhadora.

Demonstrando já cansaço com as perguntas dos repórteres sobre o crescente número de mortos, Bolsonaro demonstrou, novamente, que o foco de sua preocupação não eram os mortos pelo coronavírus: “Eu não sou coveiro” (informação verbal)²⁴ (SD-8) e, num total desprezo pela dor dos familiares das vítimas do Covid-19, consegue fazer piada com as mortes causadas pela pandemia: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (informação verbal)²⁵ (SD-9). Esse discurso reforça o ethos do presidente como um homem do povo, alheio a tantos números e indicadores, numa tentativa de reforçar a identificação com os trabalhadores, com os mais pobres.

Bolsonaro fez enunciados utilizando palavras fáceis, e com isso facilita a comunicação com seus eleitores-alvo neste discurso. Ao mesmo tempo, procura impor um antiethos de “carrascos dos trabalhadores” aos seus adversários. Em sua fala de 29 de abril de 2020, tentou jogar a opinião pública contra seus adversários: “O Supremo decidiu que quem decide essas questões [de combate ao coronavírus] são governadores e prefeitos. Então, cobrem deles” (informação verbal)²⁶ (SD-10). Investe na desconstrução da imagem dos adversários políticos e procura se eximir de responsabilidade frente ao avanço da pandemia no Brasil: “A minha opinião não vale. O que vale são os decretos dos governadores e prefeitos” (informação verbal)²⁷ (SD-10).

6 Discurso autoritário do presidente e desinformação

A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o corpus da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio-histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar. Portanto, na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer.

Será utilizada a perspectiva de Michel Pêcheux, estabelecendo a relação existente no discurso entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia para análise dos pronunciamentos entre março e abril de 2020, período em que o ex-ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, planejava o enfrentamento à pandemia do coronavírus e aumentava a crise política com o presidente Jair Bolsonaro. Nesse sentido, entendemos que o discurso anti-iluminista e anti-ciência do presidente, em conflito com os

²⁴ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 20 mar.2020.

²⁵ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 28 mar.2020.

²⁶ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 29 abr.2020

²⁷ Palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em: 29 abr.2020



discursos do ex-ministro, é um discurso autoritário, mas com respaldo numa parcela da população que o cacifou para a disputa presidencial.

Balandier (1982) entra como referencial para a discussão conceitual para que se compreenda a construção da imagem do presidente durante o período de pandemia no entendimento de que precisamos compreender a construção do imaginário no exercício do poder. A imaginação social deixa a mera ornamentação da sociedade e passa a ser parte importante da legitimação de forças.

Nesse mesmo sentido, Baczko (1985) ressalta que, na construção do poder e na disputa de forças, há sempre há sempre a busca por uma desvalorização da legitimidade do adversário e por outro lado, aquele que busca exaltar, com manifestações grandiloquentes o poder e as causas as quais defende. A coesão nas sociedades não é tema novo. Durkheim (2000) mostrou que para garantir a existência de uma sociedade é necessário assegurar um mínimo de coesão através de um fundo de crenças comuns capazes de exprimir o sentimento da existência da coletividade.

Para isso, é preciso fazer com que os agentes sociais acreditem na superioridade do "fato social" sobre o fato individual e que se dotem de uma "consciência pública", comunicada por sua vez através de signos posteriormente concebidos como realidades. Fatos sociais, explica Durkheim (2000), constituem-se de maneiras de agir, de pensar e de sentir que são exteriores ao indivíduo, mas que estão dotadas de um poder de coerção de tal natureza que impõem ideias e tendências determinantes a cada elemento do grupo. Dessa forma, Durkheim (2000) busca demonstrar que, frequentemente, os comportamentos sociais não se dirigem tanto às coisas em si, mas sim aos símbolos dessas coisas.

Bolsonaro conseguiu fazer com os 25% daqueles que o cacifaram para a disputa presidencial constituíssem sua base de legitimidade inclusive no período da pandemia. Por isso, mesmo com discursos considerados por muitos, abusivos, Bolsonaro conseguiu manter seu núcleo duro coeso. O ódio em comum possibilita o esquecimento das disputas internas e favorece a união em uma espécie de "[...] comunhão de ódio [...]" (GALLEGO, 2018). E, a base, o núcleo duro do presidente, é aquela parcela da população que lhe ofereceu a alcunha de mito quando este propagava frases como "não te estupro porque você não merece"²⁸ ou "Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também"²⁹ (1999), quando se referiu a Chico Lopes, ex-presidente do Banco Central, que na ocasião invocou o direito de ficar calado na chamada CPI dos Bancos no Senado.

Observamos a importância do controle do imaginário social na obtenção de diversos graus de influência sobre os comportamentos e as atividades individuais e coletivas. Mas é nos bastidores, segundo Balandier (1982), que a Teatocracia governa. O grande ator político comanda o real através do imaginário e todo poder político quer obter subordinação por meio da encenação. O autor aponta ainda, que os momentos realmente espetaculares, estão nas crises políticas.

²⁸ YOUTUBE. Disponível em: <https://youtu.be/LD8-b4wvljc>. Acesso em: 20 ago. 2022.

²⁹ PORTAL THE INTERCEPT BRASIL. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/10/20/quem-e-jair-bolsonaro-17/>. Acesso em: 20 ago. 2022.



Para obter subordinação por meio da teatralidade, o poder procura se mostrar como a própria emanção da sociedade que governa para, diante disso, devolver uma imagem idealizada desta sociedade, tornando- se, portanto, aceitável, admirável, desejável.

Bolsonaro não foi uma voz isolada nesse processo. Suas frases contrariando a Organização Mundial de Saúde³⁰ tiveram respaldo na população que³¹, como o presidente, queria, naquele momento, a reabertura do comércio e a “normalidade” das atividades.

Michel Pêcheux analisa o sujeito como lugar de interface. Para explicar o modo pelo qual o sujeito se constrói, é preciso trazê-lo para o campo do qual ele é efeito, isto é, o campo da linguagem. Nesse sentido, Bolsonaro sempre demonstrou discurso agressivo e autoritário. Numa análise anterior em que analisamos os discursos nos 27 anos de mandato parlamentar³² concluímos que:

[...] conforme explicado anteriormente, Bolsonaro sempre foi ferrenho defensor dos valores militares. Nas poucas vezes em que trouxe um outro assunto ao debate, como ataque à imprensa, logo em seguida, alguma pauta militar retornava. Essa foi a pauta de seus discursos até 2014, quando ganhou notoriedade pelo bate-boca com a deputada Maria do Rosário. A partir daí percebemos uma diminuição no número de vezes que o parlamentar subiu à Tribuna. (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2019, p. 149).

Pesquisas iniciais demonstraram³³ que o discurso agressivo e anticiência de Bolsonaro foi responsável por pelo menos dez por cento das mortes de covid-19. Balandier (1982) aponta que é nas crises políticas que surgem os heróis que chamam a atenção não em função de sua capacidade, mas de sua carga dramática. Bolsonaro, mesmo com suas frases perigosas como demonstrou o estudo, foi aclamado como esse herói que foi conta tudo e todos para defender o que ele e seus seguidores chamam de “volta da economia” e “Brasil acima de tudo”. Jair Bolsonaro trabalha com os três elementos fundamentais para o sucesso junto à empreitada com seus seguidores: a surpresa e a ação, que acabam resultando no terceiro elemento, o sucesso para os convertidos.

O próprio Balandier (1982) aponta para o fato de que para ter sucesso o poder procura se mostrar como a própria emanção da sociedade para devolver uma imagem aceitável e admirável.

E é aqui que se aborda um outro ponto, essencial dentro do contexto: segundo Pêcheux (1983), o sujeito caracteriza-se por dois esquecimentos, sendo o primeiro tipo de esquecimento aquele em que o sujeito, nesse caso, o presidente, tem a ilusão de que é o criador absoluto do seu discurso e é também a origem do sentido. Nesse tipo de esquecimento ele apaga qualquer coisa que remeta ao exterior de sua formação discursiva. Jair Bolsonaro nega a OMS e chama para si a propriedade do discurso. É ele

³⁰ PORTAL UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/18/bolsonaro-volta-a-criticar-oms-e-questiona-numero-de-mortos-por-covid-19.htm>. Acesso em: 20 ago. 2022.

³¹ PORTAL VALOR. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/04/24/cai-apoio-da-populacao-a-governadores-o-que-pode-beneficiar-bolsonaro-mostra-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.

³² CIOCCARI, Deisy; PERSICHETTI, Simone. A campanha permanente de Jair Bolsonaro: o deputado, o candidato e o presidente. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/28571>. Acesso em: 20 ago. 2022.

³³ PORTAL O GLOBO. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/covid-19-estudo-liga-comportamento-de-bolsonaro-10-dos-casos-mortes-nobrasil-24409253>. Acesso em: 20 ago. 2022.



quem dita o que é certo e errado no caso da pandemia, ignorando, inclusive, os governadores, conforme demonstrado no discurso selecionado acima. Enquanto todas as nações do mundo indicam o isolamento, Bolsonaro vai contra mais uma vez. Em discurso de 26 de março ele afirma que “[...] o pânico é uma doença e isso foi massificado quase que no mundo todo e no Brasil não foi diferente”. A negação da ciência é evidente. Bolsonaro apaga a historicidade dos fatos e afirma que a preocupação com a pandemia é histerismo.

No outro tipo de esquecimento, o esquecimento dois, o sujeito tem a ilusão de que tudo que ele diz tem apenas um significado que será captado pelo seu interlocutor. E aí existe o esquecimento de que o próprio discurso se caracteriza pela retomada do já dito, tendo o sujeito a ilusão de que sabe e controla tudo o que diz (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p.168-169).

Não foram poucos os embates com o então ministro Luiz Henrique Mandetta. Bolsonaro acusou seu então ministro de querer “aparecer demais” e o ameaçou: “Algumas pessoas no meu governo [...] algo subiu à cabeça deles. Estão se achando estrela. Pessoas normais. E agora falam pelos cotovelos. A hora dele ainda não chegou, mas vai chegar. A minha caneta funciona”. Para o presidente, a única verdade é a dele. Todos os outros discursos são invalidados para uma claque que vê no seu presidente o seu reflexo.

Ainda dentro dessa mesma discussão, nas primeiras semanas de junho de 2020, no contexto da falta de transparência do governo Jair Bolsonaro em relação às informações a respeito da pandemia, com a restrição do acesso aos dados, os veículos “O Globo”, “Extra”, portais G1 e UOL, Folha de S.Paulo e O Estado de São Paulo formaram uma parceria para trabalhar de forma colaborativa. Formou-se, então, um consórcio de canais de imprensa para coletar e sistematizar as informações necessárias sobre a Covid-19 nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal³⁴.

Os veículos argumentaram, com a decisão, que o governo federal, através do Ministério da Saúde, deveria ser a fonte oficial para divulgar as informações a respeito da pandemia, mas que não cumpriam a função com integridade, gerando a necessidade de os veículos se organizarem, dividindo tarefas e compartilhando dados, para tornar as informações mais transparentes, em processo de accountability. A partir de meados de junho, os números foram divulgados, através do consórcio, por volta das 20h, através das mídias tradicionais e alternativas.

Para além dessa questão, e como forma de combater a escalada deliberada de desinformação por parte do governo Bolsonaro a respeito da pandemia, o consórcio optou por mudanças qualitativas na divulgação dos dados, com os números de contaminações, recuperações e mortes, em seus respectivos períodos e datas. E cada veículo escolheu meios e horários para divulgar esses dados levantados.

Em agosto de 2022, quando do encerramento da presente pesquisa, o Brasil já apresentava

³⁴ PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparen-cia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2022.



os números de 681 mil mortes causadas pela Covid-19³⁵. O presidente da República, Jair Bolsonaro, em 2022, já como candidato à reeleição, tentou moderar o seu discurso, dois anos após os dados apresentados neste trabalho. Ele chegou a afirmar que exagerou³⁶ em alguns pronunciamentos sobre a pandemia de Covid-19. Os discursos de Bolsonaro foram extremamente para a o desastre na gestão do enfrentamento da pandemia no país.

7 Conclusões

Diante da discussão aqui apresentada, e a partir das análises das sequências discursivas incluídas nos pronunciamentos e manifestações públicas do presidente Jair Bolsonaro, entre março e abril de 2020, no contexto da pandemia, foram fortalecidas as ideias que as posturas do chefe de Estado do Brasil reforçaram as perspectivas da desinformação e da polarização política.

Nesse mesmo contexto, também se chegou à conclusão de que Jair Bolsonaro se utilizou de um discurso de negação da ciência, desinformando e se contrapondo às medidas de isolamento social horizontal. Bolsonaro criou, assim, um ethos de defensor dos empregos e da renda da população brasileira, polarizando os debates através da desinformação e confrontando os governadores e prefeitos com um antiethos de destruição dos empregos.

Dessa forma, o então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, consolidou a sua proposta discursiva de minimizar os efeitos da pandemia de coronavírus, deixando a população confusa, sem ter uma referência clara em relação a como proceder diante da crise sanitária, que se mostrou muito grave e com efeitos danosos em todos os níveis.

Destarte, identificou-se um eixo causal, gerado a partir das ações e dos discursos beligerantes do Presidente da República, durante o período da pandemia no Brasil. Nesse período, a polarização política e a desinformação perturbaram o funcionamento da sociedade e interferiram diretamente na fragilização do modelo democrático.

Referências

- AAMOSSI, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2013.
- BALANDIER, G. **O poder em cena**: pensamento político. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- BACZKO, B. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi: Anthropos – Homem. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p.296-332.
- BORGES, A.; VIDIGAL, R. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. **Opinião Pública**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 53-89, abr. 2018.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 2004.

³⁵ PORTAL FOLHA DE S.PAULO. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/08/brasil-chega-a-681-mil-mortes-por-covid.shtml. Acesso em: 20 ago. 2022.

³⁶ PORTAL VALOR. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/12/eu-aloprei-e-perdi-a-linha-admite-bolsonaro-s-obre-ter-dito-no-ser-coveiro-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 20 ago.2022.



- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CIOCCARI, D.; PERSICHETTI, S. **A campanha permanente de Jair Bolsonaro: o deputado, o candidato e o presidente**. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/lumina/article/view/28571>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- DAHL, R. **Sobre a democracia**. Brasília: UNB, 2001.
- DAHL, R. **Poliarquia: Participação e Oposição**. São Paulo: Edusp, 2005.
- DURKHEIM, E. **Émile Durkheim: sociologia**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FIORIN, J. L. **O regime de 1964: discurso e ideologia**. São Paulo: Atual, 1988.
- GALLEGO, E. S. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- HADDAD, G. **Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland**. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 145-165.
- HELD, D. **Modelos de Democracia**. Santiago do Chile: Alianza Editorial. 1990.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.
- OLIVEIRA, A. **Qual foi a influência da Lava Jato no comportamento do eleitor? Do lulismo ao bolsonarismo**. Curitiba: CRV, 2019.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso - estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1983.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1997, p. 163-235.
- PORTAL FOLHA DE SÃO PAULO. **Brasil chega a 681 mil mortes por Covid**. 2022. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/08/brasil-chega-a-681-mil-mortes-por-covid.shtml. Acesso em: 20 ago.2022.
- PORTAL G1. **Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- PORTAL O GLOBO. **Covid-19: Estudo liga comportamento de Bolsonaro a 10% dos casos e mortes no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/covid-19-estudo-liga-comportamento-de-bolsonaro-10-dos-casosmortes-no-brasil-24409253>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- PORTAL THE INTERCEPT BRASIL. **Eu sou Jair**. 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/10/20/quem-e-jair-bolsonaro-17/>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- PORTAL UOL. **Bolsonaro volta a criticar OMS e questiona número de mortos por covid-10**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/18/bolsonaro-volta-a-criticar-oms-e-questiona-numero-de-mortos-por-covid-19.htm>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- PORTAL VALOR. **Cai apoio da população a governadores: o que pode ser feito**. 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/04/24/cai-apoio-da-populacao-a-governadores-o-que-pode-beneficiar-bolsonaro-mostra-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- YOUTUBE. **“Não estupro porque você não merece”**. 2014. Disponível em: <https://youtu.be/LD8-b4wvljc>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Recebido em: 27/09/2022

Aceito em: 05/11/2022